

**Bioética narrativa na ressignificação da morte,
do luto e da vida em tempos de pandemia**

*La bioética narrativa en la resignificación de la muerte,
el duelo y la vida en tiempos de pandemia*

*Narrative bioethics in the resignification of death, mourning,
and life in pandemic times*

Denise S. Combinato; Paula V. C. Vianna; Juliana C. P. Bairral; Pedro Braz Lipinsky; Leticia Cristina R. Samtps; Renan Vinícius Vieira

Resumo: Diante de um contexto de pandemia e mistanásia, o objetivo dessa pesquisa foi compreender e analisar a narrativa como potencial de cuidado e ressignificação da morte, do luto e da vida para profissionais da saúde vinculados ao SUS. Fundamentada no referencial teórico-metodológico histórico-cultural, a pesquisa-ação consistiu em seis oficinas grupais *online*, com leitura e discussão de poemas, contos e crônicas. As participantes eram instigadas a refletir sobre o posicionamento a que o texto as convocava, a partir da análise das várias dimensões reveladas na discussão. Todas afirmaram que a pesquisa trouxe contribuições, expandiu sua visão e compreensão, possibilitando que compartilhassem sentimentos e experiências de cuidado; refletissem e vivenciassem os lutos; repensassem a atuação profissional; entendessem a vida, a morte e as relações de forma “mais poética”, sendo as oficinas um espaço de “cura” e até de supervisão do trabalho.

Palavras-chave: Bioética narrativa, Medicina narrativa, Tanatologia, Cuidado em saúde.

Resumen: En un contexto de pandemia y mistanasia, el objetivo de esta investigación fue comprender y analizar la narrativa como un potencial de cuidado y resignificación de la muerte, el duelo y la vida para los profesionales de la salud vinculados al SUS. Partiendo del marco teórico y metodológico cultural-histórico, la investigación-acción consistió en seis talleres grupales en línea, con lectura y discusión de poemas, cuentos y crónicas. Se animó a las participantes a reflexionar sobre la posición a la que les llamaba el texto, basándose en el análisis de las distintas dimensiones reveladas en el debate. Todas ellas afirmaron que la investigación aportó contribuciones, amplió su visión y comprensión, permitiéndoles compartir sentimientos y experiencias de cuidado; reflexionar y experimentar el duelo; repensar la actuación profesional; entender la vida, la muerte y las relaciones

de una manera "más poética", siendo los talleres un espacio de "sanación" e incluso de supervisión del trabajo.

Palabras Clave: Bioética narrativa, Medicina narrativa, Tanatología, Asistencia sanitaria.

Abstract: Given a context of pandemic and misthansia, this research aimed to understand and analyze the narrative as potential care and resignification of death, mourning, and life for health professionals linked to SUS. Based on the cultural-historical theoretical and methodological framework, the action research consisted of six online group workshops with reading and discussion of poems, short stories, and chronicles. The participants were encouraged to reflect on the position that the text called for by analyzing the various dimensions revealed in the discussion. All of them affirmed that the research brought contributions, expanded their vision and understanding, allowing them to share feelings and care experiences; to reflect and experience mourning; to rethink their professional performance; to understand life, death, and relationships in a "more poetic" way, with the workshops being a space for "healing" and even for work supervision.

Key Words: Narrative bioethics, Narrative medicine, Thanatology, Health care.

Introdução

A pandemia de covid-19 causou a morte de milhares de pessoas no Brasil e no mundo, sem os rituais de despedida tão necessários para a elaboração do luto, em função da necessidade de isolamento social para evitar a transmissão e o contágio pelo vírus. Quando muito, esses rituais foram mediados pelas Tecnologias Digitais, por meio de rápidas chamadas de vídeo entre pacientes internados e familiares, encontros *online* entre familiares e amigos após a morte do ente querido, ou em homenagem às pessoas que morreram acometidas pelo coronavírus em memoriais *online*¹.

Os profissionais da saúde são muito expostos aos efeitos de uma pandemia, seja pelo risco de contaminação ou medo de transmitir a doença, pelo excesso de trabalho e pelas más condições de trabalho, pela convivência diária com uma carga aumentada de sofrimento e morte, que aumentam o

¹ Memorial Inumeráveis, <https://inumeraveis.com.br>

risco de estresse pós-traumático e *burnout*²³⁴. Em revisão de literatura, Silva et al.⁵ identificaram que profissionais de saúde de vários países apresentaram altos níveis de *burnout*, associados principalmente com ansiedade e depressão.

Reconhece-se, assim, que tanto a comunidade como os profissionais da saúde precisam de uma atenção e um cuidado sensível para a ressignificação da vida e da morte, diante desse cenário de mistanásia e luto. A mistanásia caracteriza-se por uma “abreviação coletiva da vida”⁶ que ocorre especialmente em contextos desiguais e de alta vulnerabilidade social.

Acreditamos que uma possibilidade de oferta de cuidado sensível seja por meio da arte, em especial, pela narrativa literária. Na edição temática da *Revista Diversitates sobre Medicina Narrativa*, publicada em dezembro de 2021, Ricardo Ricci comenta, no artigo de abertura do periódico, sobre o potencial pouco explorado da narrativa como ponte para a interioridade dos profissionais e consequente proteção de sua saúde mental:

Además, le pondrán en evidencia que la Narrativa permite expresar la interioridad del médico en particular y del personal de la salud en general. Esse aspecto, poco contemplado en la actualidad, permite preservar la salud mental y emocional de los integrantes del equipo de salud, facilita el genuino trabajo en equipo, y hasta se considera un recurso de importancia para disminuir la prevalencia del burnout en el personal afectado al cuidado de los pacientes en general.⁷

Ainda segundo este autor, a narrativa abre um espaço para que aflorem os estados de ânimo, as emoções de quem conta sua estória/história, sempre compostas de sentido/significado, contexto e perspectiva⁸. A palavra é ponte. A escritora Scholastique Mukasonga⁹, em seu romance *A mulher de pés descalços*, narra que, na impossibilidade de cobrir o corpo da mãe morta em um contexto de guerra em Ruanda, a vestiu de palavras.

² Eric A Apaydin et al., “Burnout Among Primary Care Healthcare Workers During the COVID-19 Pandemic”, *J Occup Environ Med*, 63,8 (2021).

³ Dayse Christina Rodrigues Pereira Luz et al., “Burnout e saúde mental em tempos de pandemia de COVID-19: revisão sistemática com metanálise”, *Nursing*, 24, 276 (2021).

⁴ Maria Eduarda Wanderley de Barros Silva et al., “Impactos na saúde mental dos profissionais de saúde atuantes na linha de frente a pandemia do COVID-19”, *Research, Society and Development*, 11 (2022).

⁵ Jadon Araújo Macêdo Silva et al., “Prevalência de Burnout em profissionais de saúde no enfrentamento da Covid-19: uma revisão sistemática”, *Research, Society and Development*, 10, 16 (2021).

⁶ Léo Pessini, Distanásia, ortotanásia e mistanásia, em: Léo Pessini, *Como lidar com o paciente em fase terminal*. 6. ed. (Aparecida: Editora Santuário, 2008), 53.

⁷ Ricardo T. Ricci, “A medicina em busca de sentido, uma introdução”, *Diversitates*, 13, 3 (2021).

⁸ Ibid.

⁹ Scholastique Mukasonga, *A Mulher de pés descalços*. (São Paulo: Noz, 2017).

Ao explorar diferentes narrativas e pontos de vista provenientes das mais diversas personagens e situações, a palavra escrita e lida abre caminho para a comunicação e a elaboração psíquica. Segundo Vigotski¹⁰, a palavra é uma unidade viva de som e significado e o conjunto delas tem a função de exprimir, manifestar e revelar sentimentos entre as pessoas, promovendo a vivência de outras vidas e emoções.

Para Candido¹¹, a literatura aumenta “nossa capacidade de ver e sentir”. Ampliar essa capacidade é justamente um dos objetivos da Bioética narrativa, que consiste em um modelo de reflexão e atuação ética, orientado pela narrativa. Isso porque a narrativa promove um encontro entre texto/narrador/personagem e leitor, ampliando as possibilidades de escuta, de reconhecimento do outro e da sua história, de percepção dos próprios limites; e, ao mesmo tempo, de posicionamento e ação.

Antonio Candido¹² defende a literatura como uma forma de libertação e humanização. De acordo com o autor, as palavras desorganizadas podem ser associadas a uma necessidade, ou seja, a uma sensação de vazio, de falta, de carência que promove, ao mesmo tempo, uma tensão e uma mobilização para a ação. A “superação do caos” em um “arranjo especial das palavras”¹³ pode ser justamente o motivo, a descoberta daquilo que pode suprir o estado carencial, orientando uma atividade que seja transformadora da realidade social e tenha um sentido pessoal. Assim, emprega-se a literatura como uma potência de expressão, criação, formação e transformação do ser humano e do mundo.

Diante do contexto pandêmico e, conseqüentemente, das vulnerabilidades e necessidades de profissionais da saúde, o objetivo dessa pesquisa foi compreender como a narrativa poderia ser objeto de cuidado para a ressignificação da morte, do luto e da vida para profissionais da saúde vinculados ao Sistema Único de Saúde (SUS).

Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, fundamentada no referencial teórico-metodológico histórico-cultural, do tipo pesquisa-ação, caracterizada pela interrelação entre intervenção e produção de conhecimento.

¹⁰ Lev S. Vigotski, *Pensamento e palavra*, em: Lev S. Vigotski, *A construção do pensamento e da linguagem*. (São Paulo: Martins Fontes, 2000).

¹¹ Antonio Candido, *O direito à literatura*, em: Antonio Candido, *Vários Escritos*. (São Paulo: Duas cidades, 1988), 179.

¹² *Ibid.*

¹³ Antonio Candido, *O direito à literatura*, em: Antonio Candido, *Vários Escritos*. (São Paulo: Duas cidades, 1988), 178.

Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa¹⁴, foram divulgados os convites para a participação das oficinas aos profissionais da saúde vinculados ao Sistema Único de Saúde (SUS), por meios digitais, com publicações na rede social Instagram, na qual foi criada um perfil para o projeto (@bioeticanarrativa), e através de mensagens encaminhadas em grupos de aplicativos de mensagens, como o WhatsApp. Inicialmente, essa pesquisa seria realizada em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) de São José dos Campos/SP. Dada a impossibilidade de isso acontecer devido ao agravamento da pandemia, a oficina foi ofertada virtualmente e abriu-se a possibilidade de inscrição a profissionais da saúde vinculados ao Sistema Único de Saúde (SUS).

Os textos foram selecionados em encontros prévios entre pesquisadoras e alunos de iniciação científica de cursos de Medicina e Engenharia¹⁵. Foram selecionados textos em diferentes formatos (poesia, contos, crônicas) de autores homens e mulheres, de diferentes períodos, em língua portuguesa, que versassem sobre a morte e/ou o luto, apresentados no Quadro 1.

Quadro 1. Sequência planejada, texto selecionado, tipo de narrativa

n.	Narrativa	Tipo
1	“Congresso Internacional do Medo e Mundo Grande”, Carlos Drummond de Andrade (1940 e 1930, respectivamente)	Poesia
2	“O beijo da palavrinha”, Mia Couto (2006)	Conto
3	“Enterro de pobre”, Eliane Brum (2006)	Crônica
4	“O afogado mais bonito do mundo”, Gabriel Garcia Márquez (1968)	Conto
5	“A terceira margem do rio”, Guimarães Rosa (1962)	Conto
6	“PH., A. e a conexão perene do amor”, Ana Cláudia Quintana Arantes (2020)	Crônica

Em seguida, foram realizadas seis oficinas quinzenais, no período de abril a junho/2021, com duração entre 1h30 e 2 horas cada oficina. Elas foram realizadas virtualmente, através da plataforma Google Meet, devido à pandemia de covid-19 e à necessidade de isolamento social.

As participantes responderam a um questionário prévio, contando suas motivações, vivências e expectativas. As oficinas foram divididas em três momentos: primeiramente, uma breve contextualização do autor/autora do texto a ser lido, seguida da leitura integral da narrativa. Em um segundo momento, após a experiência da leitura/escuta no momento do encontro, e motivadas pela questão norteadora para a discussão: “O que você pensa e sente sobre o que foi lido?”, cada participante

¹⁴ Parecer n.4.430.588, de 01 de dezembro de 2020.

¹⁵ O aluno de Iniciação Científica de Engenharia foi selecionado após cursar a disciplina eletiva Arte e Engenharia.

comentava os sentimentos e pensamentos despertados pela leitura e era convidada a refletir sobre como os elementos do texto se relacionavam com a sua própria realidade de trabalho e vida. Por fim, as participantes eram instigadas a responder à pergunta: “considerando que a Bioética exige um posicionamento após uma reflexão crítica envolvendo várias dimensões sobre um determinado assunto, o que o texto lhe convoca (a se posicionar, a agir)?”. Como um último exercício reflexivo, ao final do encontro, ao som de música brasileira ou latino-americana relacionada ao texto, as participantes eram convidadas a responder a um questionário, contando como o encontro as afetou. Após a elaboração e compartilhamento dos diários de campo pelos alunos de IC, a cada oficina uma das pesquisadoras tecia uma síntese poética que era enviada às participantes como introdução ao convite para a próxima oficina.

Resultados: um encontro de mulheres

Inscreveram-se para participar das oficinas dez mulheres. Porém, duas médicas, duas enfermeiras e uma psicóloga (cinco participantes) não conseguiram acompanhar a programação. Participaram efetivamente das oficinas cinco profissionais, sendo duas psicólogas, uma assistente social, uma terapeuta ocupacional e uma agente redutora de danos, todas do sexo feminino, com experiência de trabalho no SUS variada, entre dois a mais de dez anos. Das cinco profissionais, quatro trabalhavam na área da saúde mental (CAPS álcool e drogas – AD, CAPS infantil – I, e supervisão de saúde mental de profissionais da rede de saúde). Nenhuma era da cidade de São José dos Campos/SP, onde inicialmente seria o cenário da pesquisa presencial.

Três afirmaram não ter religião, uma era espírita e uma umbandista. Em relação à morte e luto, relataram pouco estudo relacionado ao tema, e, quando ocorrido, apenas durante a formação profissional. Cinco não relataram cuidado a pessoas em processo de morte, no entanto, duas entre essas, que trabalham em um CAPS-AD no centro de São Paulo/SP, tinham vivência com a morte violenta, o abrupto fim das vidas jovens da grande metrópole. Aquelas que lidaram com a morte o fizeram no cotidiano do SUS. O cuidado se deu com maior frequência no diagnóstico e início de tratamento. Poucas conversaram sobre a morte com os pacientes e, quando o fizeram, foi na tentativa de suporte e apoio. É um processo invariavelmente penoso: tristeza, impossibilidade, limitação, cautela, incapacidade são palavras que refletem a dor e dificuldade de as profissionais lidarem com um paciente em processo de morte. Na experiência pessoal, parece ser menos difícil: a ideia da morte como libertação, sua inevitabilidade, o apoio da religião aparece nas respostas. A pandemia, de modo

geral, influenciou a percepção da morte – apontam o pensamento da morte como uma questão coletiva, a valorização da vida, e uma preocupação com a banalização do tema.

A primeira oficina: o medo e o grande mundo de Drummond

A primeira oficina literária ocorreu no dia 29 de abril de 2021 com a presença de cinco profissionais de saúde, atuantes no SUS, de diferentes áreas. Iniciou-se com a apresentação pessoal de cada profissional da saúde e dos alunos e orientadoras presentes e, a seguir, cada uma relacionou sua vivência com os aspectos que a pesquisa propõe, como a Bioética Narrativa e a introdução da Literatura no ambiente de trabalho. Uma profissional que trabalha em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS-I) relatou que estava em busca de estratégias, dispositivos e novas formas de cuidado, ou seja, um processo de reinvenção. Uma outra profissional, por sua vez, revelou que escrevia uma espécie de diário, no qual contava seu dia a dia e seus pensamentos para poder aliviar o sofrimento, dizendo que a Literatura sempre a ajudava bastante.

Outra questão que foi bastante tocada durante a reunião inicial foi o impacto da covid-19 no ambiente de trabalho da saúde. Praticamente todas as participantes em algum momento levantaram o assunto de como a saúde mental estava sendo afetada nesse período de quarentena e isolamento social, além de todas as questões socioeconômicas que afetam os brasileiros, em especial aqueles mais vulneráveis.

A leitura do poema “Congresso Internacional do medo”, de Carlos Drummond de Andrade (1940), com suas diversas metáforas, as levou a discorrer sobre os medos que estão presentes no decorrer da vida. Uma participante pensou nos medos em memória, pois, com o passar do tempo, os medos vão se metamorfoseando. Outra participante sentiu-se “convocada” a participar desse congresso, afinal, sentia durante a pandemia uma paralisação da vida, um medo geral, que levava ao cansaço e ao esgotamento. Uma pesquisadora destacou que o autor se utiliza da primeira pessoa do plural, o que leva a crer que o medo seja uma construção coletiva, que o “outro” acaba vivendo nas imediações do próximo, compartilhando de seus medos e angústias.

Prosseguindo na reflexão, outra participante destacou o trecho “Não cantaremos o ódio”, afirmando que isso seria um lema ideal para o mundo atual. Ela revelou que não sentia um medo excessivo, mas, ao invés disso, sentia raiva, principalmente em relação à questão do fraco combate à pandemia, que se alastrava cada vez mais entre os mais vulneráveis. Outra participante relatou que o trecho que mais lhe chamou atenção foi “Provisoriamente, não cantaremos o amor”, destacando que

sentia medo pelo simples fato de ter que sair para trabalhar durante a pandemia, mas que ainda assim buscava uma forma de contornar esse medo, talvez, espalhando o amor, o cuidado em seus tratamentos.

O poema lido na sequência, “Mundo Grande”, de Carlos Drummond de Andrade (1940), foi uma espécie de oposição ao poema anterior, no sentido de despertar alguma esperança. Nele, foram destacados que não é possível viver o passado, apenas o presente e que, numa situação análoga a uma guerra, como a atual, é preciso enfrentar o mundo grande. Uma participante associou o trecho “A rua é grande, mas não cabe todo mundo” ao seu trabalho, dizendo que todos devem caber na rua, inclusive aqueles que não possuem outro lugar senão as calçadas e meios-fios para viver. O olhar para o outro, para a rua, revela as outras epidemias sob o manto da covid-19, a epidemia das vulnerabilidades e da violência cotidiana.

Nas palavras das participantes, os textos as convocaram, entre outras atitudes, a não apenas sentir esses medos, agora reconhecidos e nomeados, mas a encará-los da forma possível, coletivamente, percebendo que ser e atuar como profissionais da saúde em tempos tão difíceis já era, em si, uma forma de combate.

No questionário final, com três respostas, todas as participantes afirmaram que o encontro contribuiu de alguma forma para ampliar a percepção, seja nos olhares para diferentes manifestações do sofrimento, seja para se sentirem menos sozinhas no mundo, numa “expansão do coração”. Todas as participantes se sentiram acolhidas com o encontro e saíram com uma sensação de leveza, propiciada pelo espaço para poder falar sobre o que sentiam e elaborar, assim, o sofrimento, intensamente percebido.

A síntese poética elaborada após esse encontro foi:

Na sala com Drummond

*Aqui nos encontramos,
vindas dos CAPS,
da saúde mental,
das letras,
trazendo vivências.*

*Com os medos de Drummond dialogamos,
compartilhando os nossos, imemoriais, pela pan-
demia renovados, intensificados
às vezes cedo, às vezes tarde.*

*A necessidade de cuidado me atravessa, eu cuido,
mas quem me cuida?
Eu cuido escrevendo, intensidades fluem no diá-
rio*

*A pandemia nos diminui, e incita um
misto de sensações
Pequenez, insegurança, medo, raiva, ódio,
Tanto cansaço.
Como me posiciono nesse cenário?
É possível não cantar o amor?*

*Não posso expressar palavras, sentimentos.
Há um interdito.*

*Falemos, então.
Expressemos a angústia, a dor, os conflitos, as
incertezas, o medo, a esperança
Na rua cabe tanta gente,
Ilhas que se adensam,*

*Eu penso como o coletivo me suplanta.
É maior que o medo,
nos constituímos a partir do outro*

*400 mil mortes nos encaram, a mistanásia nos
envolve,
Quem nos protege?
Poderia a literatura nos amparar?*

*O distanciamento intensifica emoções,
O mundo é grande, como nos encontramos e to-
camos?
Respeitemos o outro, olho no olho, coração no
coração
Eu sinto sua dor, ela dói em mim
Penetremos nesses subterrâneos, encontremos o
amor
E façamos nascer flores amarelas, iluminadas.
Construamos o amanhã.*

A segunda oficina: Mia e o mar. Confortar ou arrebatat?

A segunda oficina literária ocorreu no dia 13 de maio de 2021 com a presença de três profissionais de saúde, atuantes no SUS. O encontro, centrado em “O beijo da palavrinha”, de Mía Couto (2006), levou às participantes mais uma oportunidade de discutir e refletir sobre a morte e o luto em condições de vulnerabilidade, neste caso, biológica e social, pois trata-se do processo de morte de uma menina, em diferente contexto cultural.

A singela, porém profunda, história do autor moçambicano despertou sensações variadas nas participantes. Uma delas destacou a importância do afeto, do carinho dentro das relações familiares, que pode até mesmo amenizar uma situação triste e inevitável, de morte próxima. Outra participante comentou que, muitas vezes, nas ficções, morte e infância não são abordadas simultaneamente, entretanto, isso ocorre com certa frequência na vida real. Ressaltaram a sutileza das palavras do menino Zeca Zonzo, um dos personagens da obra, que, mesmo “desprovido de juízo”, é quem consegue promover o cuidado possível à irmã. Uma das profissionais lembrou que, em seu trabalho, conversou com uma menina que havia perdido a mãe e a menina lhe definiu saudade da seguinte maneira: “A saudade tem cabelo enrolado, põe a mão na cintura e grita para entrar logo em casa”, lembrando a atitude da mãe. Ela completou dizendo que talvez seja preciso enxergar o mundo sob a ótica de uma criança, afinal, apesar de tantas adversidades, buscar um pensamento que nos acolhe, que nos faz sorrir é fundamental para mantermos a sanidade.

Outra participante, emocionada com a leitura do texto, levantou um debate importante: muitas vezes, adultos e responsáveis (principalmente profissionais da saúde) se sentem na obrigação de passar uma imagem de que são fortes e inabaláveis, constroem uma fortaleza externa, mas, por dentro, os sentimentos ficam aprisionados e vão corroendo o psiquismo. E concluiu alertando que era preciso deixar as emoções fluírem, expor os medos, as fragilidades, para então ser capaz de buscar um apoio.

Emocionou-se profundamente. Aqui identificamos importantes estratégias de enfrentamento do *burnout* que também foram descritas na literatura durante a pandemia de covid-19¹⁶: busca de apoio psicológico e social, além de estratégias de enfrentamento focadas em pensamento positivo como aceitação e reinterpretação da condição apresentada.

Respondendo sobre o que o texto convocava, uma participante afirmou que se sentiu com o dever de ter mais respeito às histórias contadas a ela, incluindo história de dores. Continuou dizendo que era um privilégio ter acesso a sentimentos e que gostaria de buscar um jeito de fazer as pessoas continuarem vivas, através de mobilizações, de maneira que cada um pudesse espalhar uma marca na vida. Outra participante se sentiu mobilizada a conhecer mais, sentir e imaginar. Notou-se que a participante que estava emocionada anteriormente permaneceu em silêncio no restante da oficina.

Encerrando o encontro, três participantes responderam ao questionário pós-oficina, sendo que para as três a reunião trouxe alguma forma de ressignificação da vida e da morte. Refletiram sobre situações e cuidados no final da vida, a importância da sutileza e da resiliência no luto, sobre o aprendizado de ouvir sem carregar a dor do outro como um fardo, e também sobre como o afeto pode transformar a vida. Novamente, relataram estarem se sentindo muito melhor com o espaço de fala e compartilhamento ofertado nas oficinas.

A síntese poética elaborada a partir dos diários de campos dos alunos de IC segue:

Em ondas, fluem palavras

*Mia conta: a morte se aproxima de Maria Poeirinha.
Ao mar, para despedida dessa vida, ninguém a poderia
levar.*

*Ondas, gaivotas, rochas e areia lhe chegam pelas le-
tras,
três formam a palavra,
escrita e percorrida pelo nada Zonzo irmão,
nela ambos flutuam e se deixam levar.*

*Que emoção perceber, cuidados de fim de vida
qualquer um pode prestar,
um carinho vem do improvável,
o afeto conforta
não precisa estudar.
Basta estar*

*Morte nessa hora, a infância?
Morrer de morte violenta?
Morrer em vida, partir, deixar?
Será que morrer é partir,
ou pode ser permanecer?*

*E dentro,
cuido, mas quem de mim cuidará?
Quem me salvará desse mar imenso, ou a ele me
apresentará?
Que sutileza pode emergir de sua enormidade in-
finda,
descobrirei o toque sereno da onda suave na areia?
Fragilidade é também fortaleza.*

*E o mundo segue.
A morte é percebida na vida,
Cuidamos e carregamos,
o fardo é leve,
peso não se sente,
em ondas flutua o acalanto.
Clamamos para não nos acostumarmos.*

*A palavra lida, escrita, falada,
nos atravessa e marca.
Flui como onda, alivia o peso.
encontra ressonância.*

¹⁶ Taynara Carvalho de Oliveira et al., “Possíveis estratégias de enfrentamento do Burnout entre profissionais de saúde durante a pandemia do coronavírus”, *Rev Med (São Paulo)*, 100(6) (2021 nov.-dez.); 586-92.

*A saudade é uma mulher de cabelos enrolados, mão na
cintura,
Me chama a entrar.*

*A palavra me beija, nela naufrago.
Que nos levem as palavrinhas, com seu poder e suti-
leza,
e nos transformem.*

A terceira oficina: um soco no estômago

A terceira oficina literária aconteceu no dia 27 de maio de 2021 e contou com a presença de quatro profissionais da saúde. Após uma breve retomada do que foi discutido no encontro anterior, lemos e debatemos a crônica “Enterro de Pobre”, de Eliane Brum (2006). Tal texto trouxe debates importantes sobre a situação socioeconômica do Brasil, um ciclo interminável de pobreza que se alastra pelas gerações e determina fins tristes para inúmeras famílias. Com a pandemia, tudo piora ainda mais, e sobre isso as participantes destacaram suas experiências.

A situação de vulnerabilidade socioeconômica a que está exposta uma significativa parcela da população brasileira tornou-se o cerne de toda a reflexão literária. Uma participante contou que sentiu, ao ler o texto, uma dor quase física: pensou nos seus “privilégios”, ou seja, nas suas condições que, em vez de necessidades básicas, para muitos Antônio, como o personagem principal da crônica, tornam-se privilégios. Ela continuou destacando que o Brasil é um país semeado na violência, no descaso com a vida do outro. “Uma eterna colonização. Toda hora mata-se alguém. Dessa vez, é o coronavírus”.

Outra participante destacou que a crônica, embora tenha o título de enterro, narra muito mais a experiência mísera da vida sofrida do que da morte propriamente dita. De fato, não é possível separar vida e morte, já que a morte faz parte do processo de vida. Entretanto, tanto a autora como a participante não se referem à morte como algo natural que encerra um ciclo de vida. Trata-se de uma tragédia anunciada, uma narrativa geracional, que é um eterno ciclo. Em um contexto social marcado por enormes desigualdades sociais, com inúmeras *mortes severinas*¹⁷, podemos caracterizá-las como mistanásia. Por isso, inclusive, a autora Eliane Brum encerra sua crônica destacando a crueldade entre a diferença do enterro do pobre e do rico: “A diferença maior é que o enterro de pobre é triste menos pela morte e mais pela vida”.¹⁸

Uma participante alertou que a demanda econômica dos seus pacientes aumentou muito durante a pandemia e que ela, às vezes, sente uma grande impotência de não poder ajudar ou não saber

¹⁷ João Cabral Mello Neto, *Morte e Vida Severina*, em: João Cabral Mello Neto, *Melhores poemas*. Seleção de Antonio Carlos Secchin, (São Paulo: Global, 2013).

¹⁸ Eliane Brum, *Enterro de pobre*, em: Eliane Brum, *A vida que ninguém vê*, (Porto Alegre: Arquipélago, 2006), 39.

o que fazer para ajudar. Uma profissional vinculada ao CAPS-I revelou que, com tantas mortes precárias, ela se sentia como se trabalhasse na “UTI dos direitos humanos”: “mortes que acontecem por violação de direitos, estruturas que a gente carrega.”. E ainda destacou que precisava se “acostumar” para continuar trabalhando na área da saúde, pois a situação era tão ruim, porém tão comum, que necessitava de uma armadura para não se abalar frequentemente com tudo.

O que todas as participantes destacaram em comum é o fato de que expor, anunciar, conversar sobre os problemas sociais é amplamente necessário, afinal, é preciso encarar o problema para começar a enfrentá-lo. Falar, sentir e elaborar já são formas de enfrentamento, especialmente diante de mortes invisíveis, como as mortes sociais.

Por fim, as quatro participantes da reunião responderam ao questionário pós-oficina, todas afirmando que, de algum modo, o encontro trouxe momentos de contribuição e reflexão. Os assuntos comentados trouxeram reflexão sobre o luto, principalmente em relação a crianças e adolescentes, sobre pensar na morte com cuidado e delicadeza, sobre o cuidado durante a vida e sobre como lidar com desafios cotidianos. Nesse encontro, além da reflexão, as participantes relataram que sentiram vontade de chorar, devido à tristeza pela situação brasileira, mas, ao mesmo tempo, sentiram força para resistir.

A síntese poética elaborada após esse encontro foi:

Quantas formas de salvar uma vida

*Eliane Brum narra o invisível cortejo de uma morte
evitável
uma criança sem nome, um pai que passa
desfila seu sofrimento
desapercebido pela sociedade, peça na engrenagem.*

*Olhares de soslaio, papéis, ausências, cova rasa
repete a história tantas vezes vivida
o singular no universal
a dor de viver corta as linhas, a alma.*

*Soco no estômago, porrada
Antônios, Josés, a dor física da pobreza
a trajetória antagônica, Zé é Ulysses e anti Ulysses.
Fantasmas reais nos visitam em pesadelos
mortes anunciadas das vidas que lutamos para resgatar
do inexorável destino de pobre.*

*O texto trata é da vida
das necessidades da vida,
Mistanásia.
Joga na cara o privilégio de vida e morte
de receber salário, de ser velado*

*Que cansaço.
O padrão se repete, moto contínuo,
desde a escravidão
UTI dos direitos humanos.
Essa gente que constrói tudo o que move
que gira a economia
e ao final, jovem,
em cova rasa
sem despedida
aduba o solo da nossa terra.
Quantas Marielles, quantos Antonios, quantos Josés
ainda?*

*Que armadura precisamos vestir?
Ou o remédio é desarmar?
Fazer poesia da morte sem poesia
e dentro
aquecer os congelados serviços de saúde
cuidar, indignar-se, resistir.
Deitar afeto, compartilhar resiliência
estender a mão e o olhar cúmplice
confortar, abrir espaço para a escuta
sensível,
compreender a necessidade*

*direitos básicos convertidos em regalia.
E navegamos em
serviços paralisados, impotentes,
que transformam morte do pobre
em informe de reunião.
Morrer por falta de proteção?
Morrer de fome?
Morrer à margem, sem direitos?
Morrer ninguém,
roupa de ninguém
ninguém para velar
ninguém para chorar?*

*de quem nos busca,
oportunidade ou comida.
Há tantas formas de salvar uma vida
ampliemos a percepção de cuidado.
Tornando a dor visível, a amainemos*

A quarta oficina: O mar de Márquez revela a beleza dos afogados

Em 10 de junho de 2021, foi realizada a quarta oficina literária, na qual quatro profissionais da saúde participaram. O encontro começou com as pesquisadoras fazendo uma rápida contextualização do autor colombiano Gabriel García Márquez, que é conhecido pelo seu realismo fantástico, o qual perturba a regularidade do cotidiano.

A leitura de “O afogado mais bonito do mundo”, de Gabriel Garcia Márquez (1968), provocou diferentes reações. A aparição de um afogado num pequeno vilarejo representou um estado de mudanças e transformações, de acordo com uma das participantes. Um ser “diferente” invadiu a comunidade e, ao contrário do que normalmente acontece na vida real, o diferente foi acolhido, foi bem tratado. Acabou tornando-se parte do meio, uma relação de construção e não de destruição. Isso representou para essa participante uma possibilidade de reflexão sobre as relações humanas, como tratar o “outro”, como modificar-se para tornar-se melhor.

Na mesma linha, outra participante também refletiu sobre como o diferente, o estrangeiro pode acarretar mudanças. Além disso, destacou a sabedoria que cada um possui, pois os mais velhos souberam tratar da situação com mais delicadeza, com mais carinho.

Apesar do teor fantástico, sempre há conexões com a realidade, o que manifestaram duas participantes. O trabalho delas, focado em crianças e adolescentes em situação de rua, transpareceu no texto, quando as mulheres, ao tirarem o limo e perceberem de fato que a coisa no mar era um homem, ecoou nos momentos em que identificam o corpo de um jovem que, infelizmente, era vítima da situação em que vivia.

O momento de reflexão nesse encontro tornou-se um diálogo de experiências entre as profissionais de saúde, um intercâmbio de palavras fortalecedoras. Pela primeira vez, aparece com muita força a questão de gênero, a associação da mulher ao papel de cuidadora, a sensibilidade associada à representação de fraqueza, e as participantes se questionam, que lugar é esse? Quem o construiu e

como? Estamos, ao negar a sensibilidade como força e potência, cristalizando essas posições? Uma participante elogiou a atuação de outras duas que, apesar de conviverem diariamente com situações tristes de jovens vulneráveis, ainda conseguem tratar tudo com sutileza e trazer a literatura para o cotidiano de maneira muito sensível e sincera. Outra participante respondeu que, para trabalhar na área da saúde, é preciso ter muitas camadas para manter um certo “isolamento”, mas que, muitas vezes, também é necessário cruzar essas camadas para acolher mais os pacientes.

O encontro prosseguiu com a indagação sobre o que o texto lido convocaria nas profissionais da saúde. Uma delas disse que observar mais atentamente os olhares de todos seria uma forma mais cuidadosa de tratamento. Outra relatou que o texto mostra que é possível ter força e leveza ao mesmo tempo.

No questionário final, houve três respostas, sendo que todas as participantes afirmaram que o encontro trouxe alguma forma de ressignificação. Afirmaram ter reflexões sobre as vidas e mortes silenciadas e celebradas, sobre olhar o “diferente” com mais cuidado e se assegurar de tirar as camadas de limos e “sujos”, ou seja, dar nome, pertencimento àqueles que se sentem excluídos. Por fim, afirmaram se sentir reflexivas, motivadas e aliviadas com a oficina.

Segue a síntese poética produzida a partir dessa oficina:

As mulheres sabem

*Gabriel Garcia Márquez descreve o afogado
mais lindo do mundo.*

*Removidas as crostas as algas, Estevão se re-
vela.*

*A revelação é a visão da beleza, dos desen-
contros, das fortunas e infortúnios.*

*A pequena vila, no topo do mundo, se rein-
venta, cria vínculos,
renasce.*

*Vejo o outro, o reconheço como um de nós,
acolho.*

Um movimento acontece,

*sonho: o que é real, o que é imaginário?
É essa comunidade especial, ou havia nela
uma necessidade?*

A morte é revisão de si, dos outros, de nós.

*Onde fica o diferente? É belo e incômodo,
como me afeta?*

Reflito, construo, me torno melhor.

*Sinto paixão, compaixão, estranhamento –
onde pôr tanta beleza?*

*Os velhos em sua sabedoria se engrandecem,
os jovens se desconfortam*

*Sob o Thinner, sob o cobertor da rua,
quem se esconde, quem sobrevive?*

*Passam apressadamente os habitantes dis-
traídos pela praça da Sé*

*o SAMU chega tarde, a imagem do morto
rápida, enviada pelo celular.*

Sob o lodo, quem mesmo?

As mulheres sabem.

As mulheres cuidam,

*com sutileza se descobrem, o descobrem,
perguntam aos outros de quem é Estevão,*

não é de ninguém

é nosso, sempre nosso.

Acolhemos, cuidamos.

Que papéis são esses?

*É a mulher imanência ou transcendência,
qual nossa essência?*

Somos potência,

cuidar deve ser tarefa de todos.

O cuidador é essa metáfora.

*No território desconhecido caminha, con-
voca o outro*

*o que me chama nessa estranheza de tamanho
encantamento?
A morte modifica a vida.*

*O texto incomoda, haverá poesia na morte?
Quantos Estevão não chegam a nós, morrem
na rua, em sua pequenez,
silenciados, sós.*

*Na vila de Márquez, habitantes se tornaram
pais, mães, irmãos,
projeções reprimidas libertadas na adoção do
estranho*

*maridos, transeuntes, pedimos: tirem o
lenço.*

*Perguntem, se posicionem,
Aprendam a ver, a navegar, a falar
movimentem-se.*

*Sintam na pele,
almejem o potente.*

É possível a leveza na essência

*Gabriel mostra a força do seu povo.
Somos também latinos.*

*Na crueza da vida
numa inspiração lírica desesperada
estendemos a mão.*

*Os afogados anônimos reconhecem
e a agarram, em vida e na morte dos seus*

A quinta oficina. Guimarães Rosa, o real se dispõe para a gente é na travessia

A quinta oficina literária ocorreu no dia 24 de junho de 2021 e contou com a presença de cinco profissionais de saúde. O autor escolhido foi Guimarães Rosa com o conto “A terceira margem do rio” (1962). Ainda no período de contextualização do autor, uma das participantes, psicóloga, relatou que sua paciente recentemente havia citado esse autor em uma das consultas. Ela notou que foi o momento em que a paciente demonstrou mais emoção, um certo ânimo, uma paixão. Nesse relato, temos a descrição do que esperávamos acontecer com as próprias participantes ao longo da oficina: a catarse da reação estética ou o efeito da obra de arte no receptor. Inspirado em um termo cunhado por Aristóteles, Vigotski¹⁹ define catarse como sendo uma “contradição emocional”, que “suscita séries de sentimentos opostos entre si e provoca seu curto-circuito e destruição”, provocando uma “complexa transformação dos sentimentos”.

Com a leitura do conto, uma das participantes opinou que foi bem complexo. Pensou sobre o que seria uma terceira margem. Entendeu que o pai teve algum tipo de surto e a família, a partir daí, passou por sofrimento por não compreender o que se passava na cabeça do pai. Como entender esse afastamento, essa busca por algo? A participante prosseguiu, tentou correlacionar com a vida, com as perdas, com os lutos. Ela sentiu que devia buscar entendimento de alguma forma, considerando o texto “triste” e até mesmo “angustiante”.

Já outra participante destacou uma frase de Guimarães Rosa: “Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. Para ela, o conto fala mais sobre a vida do que sobre a morte. O pai tornou-se um tabu, fez com que a vida dele (e da família) colasse

¹⁹ Lev S. Vigotski, *Psicologia da arte*, (São Paulo: Martins Fontes, 1999), 269-70.

com a morte, pois ele se afastou, mas ao mesmo tempo continuou próximo. Sua colega, no entanto, destacou que todos passam por momentos como o do pai, que não sabe o que quer, mas sempre busca por algo. Não sabe o caminho e mesmo assim se lança. As pessoas rompem, depois criam outros padrões. Afirmou, por fim: “Estamos sempre em busca de uma terceira margem”.

Uma das participantes refletiu sobre a vida que o personagem filho não teve por sempre buscar o pai. Ele manteve uma conexão com o pai que buscou sair da realidade e o filho somente o esperou. Afirmou ainda que, conforme ia lendo, se angustiava pelo fato de a vida do filho estar passando e ele se abstendo de tudo. “Sou culpado pelo que nem sei.”

Outra participante considerou o conto complexo, denso e angustiante. Ficou tentando encontrar a terceira margem, mas ficou apenas no abstrato. Para ela, todos nós precisamos de uma terceira margem, que está em tudo na nossa vida como, por exemplo, a angústia do filho, a busca pelo pai. Sobre a imagem da água, ela afirmou: “A água traz a coisa de nos limpar, de nos renovar, ela dá uma fluidez”, e associou ao processo de acolhimento no tratamento da saúde mental, especialmente na Atenção Primária.

Novamente, refletem sobre o feminino como sensibilidade e força, neste caso, representada pela personagem que soube romper com o inevitável, e, sem torná-lo invisível, foi capaz de conviver com a ausência e prosseguir, com leveza, a caminhada pela vida, também buscando sua margem.

A reunião prosseguiu com a pergunta sobre o que o texto convocava. Houve consenso em relação à questão de tentar sentir menos culpa sobre coisas que acontecem. O sofrimento do filho, a angústia em relação a uma espera eterna pelo pai, desencadeou sensações ruins, mas, ao mesmo tempo, abriu os olhares para buscar libertarem-se de certos pesos. A imagem da água que esteve muito presente nesse texto e nos encontros anteriores, lembrada por uma das participantes, de acordo com o grupo, trouxe uma sensação de acolhimento da dor, de não se culpar, apenas de deixar as coisas fluírem.

As falas e reflexões remeteram a uma memória musical. Ao final do encontro, uma das pesquisadoras cantou a música *Curativo*, de Consuelo de Paula e Rubens Nogueira²⁰:

Coloquei sobre a ferida a margarida branca.
Demorou, demorou.
Esperei cada pétala
em forma de vela
cobrir a dor.
Fiquei quieta, fiz repouso,
até que a cicatriz marcou a pele

²⁰ Consuelo de Paula e Rubens Nogueira, *Curativo*, em: Consuelo de Paula, (Dança das rosas, 2006).

em forma de flor.

As cinco participantes responderam ao questionário pós-oficina e todas afirmaram que a reunião trouxe algum tipo de ressignificação. As reflexões presentes foram sobre a necessidade de buscar a “terceira margem” como uma cura pessoal, a ressignificação da vida e da vontade de viver, a ampliação de perspectivas, as articulações entre relacionamentos e rompimentos. Após o encontro, as participantes afirmaram se sentir mais alegres, leves, acolhidas e mobilizadas. Ressaltaram o sentimento de leveza, alegria e acalanto que fluiu na voz e canto da condutora da oficina.

A síntese poética produzida como resultado dessa oficina foi:

De quantas margens é feita a vida?

*João se renunciou.
antes do encontro uma menina o mencionou
Emoção, ânimo, paixão a floraram
a potência transformadora da literatura se nos revelou.*

*Pela terceira margem caminhamos
no rio de mistérios mergulhamos
fuga, busca, permanente ausência
medo e coragem, loucura e sanidade,
João nos conduz a nós pela mão poética*

*Seria o que a terceira margem, essa partida?
Um surto, uma doideira? O que vai na cabeça do outro?*

*Que sofrimento, para onde você vai, por que vai?
Abandono sofrimento, não entendo, não entendo...
Alienação, irracionalidade, transcendência?
E quem fica, como fica?*

*A vida cola na morte,
fica ali ao lado em frente, presente ausente.
Lembra da ruptura, de quem ousou buscar
não se sabe o que ou porque
nem o que o encontrou, ou se encontrou*

*Quem fica na espera se perde
da vida e de si
atravessa sem sentir
se culpa do que nem sabe
busca o que não entende
espera o que não virá.*

*Nesse denso e complexo fluido
do rio denso próximo e distante flutua o pai.
A água limpa purifica, renova,
acolhe.*

*O que podemos fazer?
às vezes parece tão pouco.*

*Mas,
por que me culpo?
O que me cabe?
Me permito aceitar, viver o luto, recomeçar?
Acolher minha dor, deixar fluir?*

*Terceira margem,
Eu vou,
Me liberte*

A sexta oficina. O amor para além do córtex cerebral

A sexta oficina literária deu-se em 8 de julho de 2021 e contou com a presença de cinco profissionais da saúde. O conto escolhido, “P.H., A. e a conexão perene do amor”, de Ana Cláudia Quintana Arantes (2020), trouxe uma abordagem diferente das demais. A autora é médica e transforma algumas de suas narrativas de trabalho em textos literários. O texto faz parte de uma coletânea

sobre cuidados paliativos, por isso, uma das pesquisadoras apresentou uma breve introdução ao assunto antes de iniciar a leitura em grupo.

O enredo aborda os últimos momentos de vida de um idoso, que cuidava da esposa demenciada e que é acompanhado pela esposa em sua internação para cuidados terminais. O texto provocou reações emocionadas entre as participantes. Uma profissional comentou que trabalha com crianças e adolescentes, pois sentiria muitas dificuldades em trabalhar com idosos. Ao mesmo tempo, ela discorreu sobre como trazer a temática de cuidados paliativos com crianças e adolescentes vulneráveis, afinal, tais cuidados são uma forma de valorizar mais a vida, diminuir o sofrimento, qualquer que seja.

Três participantes trouxeram memórias familiares envolvendo o falecimento de pais ou avós. Duas profissionais relataram que, mesmo trabalhando na área da saúde e convivendo diariamente com situações muito mais traumáticas de terceiros, as perdas na família são sentidas fortemente, às vezes com dificuldade de elaborar o luto, cobrando-se uma “força” justamente por serem da área da saúde.

Outra participante afirmou que o texto foi uma “experiência do sentir”, justamente expressando nossa meta com essa pesquisa-ação ao estabelecer a ponte da bioética com a literatura. Continuou dizendo que relatos, testemunhos, histórias contadas por outros, como é justamente o caso do texto de Arantes, podem ser paliativos, por proporcionarem lugares de fala e escuta que se complementam com quem está ouvindo a história. Ela ainda apresentou sua própria definição de cuidados paliativos: ter companhia durante a dor, acolher, ter noção da finitude da vida e acompanhar esse processo.

Para o fim da reunião, cada participante expôs seu ponto de vista sobre as oficinas de um modo geral, comentando o impacto da pesquisa. Uma profissional comentou que participar dessa oficina foi muito positivo no sentido de possibilitar novos encontros, novas relações e proporcionar muito conforto em todo esse momento. Continuou dizendo que sempre saiu muito mais leve de cada encontro, aumentando a perspectiva do olhar do luto, das perdas, do enfrentamento.

Outra participante disse que, no início, foi movida mais pela curiosidade do que pelo assunto em si, mas que foi uma experiência transformadora, uma maneira inovadora de pensar junto à arte e falar sobre assuntos necessários, mas que são tratados como tabus.

De modo geral, todas expressaram contentamento em ter participado dessa pesquisa-ação, principalmente pela possibilidade de falarem abertamente, sem nenhum tipo de receio, e também por

terem estabelecido novas conexões humanas com modos de pensar distintos, mas que se complementam.

Após essa oficina, as participantes receberam um Questionário de Encerramento, no qual responderam sobre os impactos da pesquisa em mudanças no hábito de leitura literária, alteração nos sentimentos e pensamentos sobre morte e luto, e sobre contribuições que a pesquisa pode ter trazido a elas.

As respostas positivas e de potencial transformador da Bioética narrativa se confirmaram. As participantes demonstraram gratidão pelas transformações e ressignificações com a profissão. Muito se falou sobre o espaço de compartilhamento de experiências tão necessário e de como a Literatura traz um nível maior de reflexão e sensibilidade, basicamente dando sentido à vida humana, como destaca Magalhães²¹. A temática de morte e luto, para as participantes, passou a ser encarada mais como uma parte constituinte do viver, um olhar mais abrangente das partes componentes da vida. A Literatura, para elas, transformou-se num objeto de “cura”, que ajuda a acolher os sentimentos e repensar as práticas cotidianas.

Considerações finais

Um completo desarranjo do modo de viver por dentro das sociedades, causada pela pandemia do novo coronavírus, expôs ao mundo e acentuou fragilidades das questões de vida, morte e luto. O isolamento social e o medo da doença se somaram, nos profissionais de saúde, ao risco aumentado de adoecimento ocupacional e à convivência cotidiana com o sofrimento, a incerteza e a morte. Os profissionais de saúde demandam cuidado sensível.

Muito do que se tratou na primeira oficina expôs de alguma maneira as condições atuais dos profissionais de saúde que, mesmo antes da pandemia, já possuíam cargas de trabalho estressantes e, por vezes, esgotantes. O surgimento da covid-19 e todas as suas implicações intensificaram tal sofrimento. Os cuidados com a biossegurança, as horas excessivas de trabalho, o remanejamento de equipes e atividades eram o cenário concreto, material, em que navegaram profissionais preocupados com a família. Esses viam-se frente a processos de tomada de decisão ética por vezes diante de falta de material e equipamentos, fadigados de compaixão, no limite, atingindo o esgotamento. As participan-

²¹ Susana P. L. V. T. Magalhães, Construir a ponte entre a Bioética e a Literatura, em: Susana P. L. V. T. Magalhães, Bioética e literatura: entre a imaginação e a responsabilidade, (Roma/Itália: IF Press, 2016).

tes dessa pesquisa colocaram sempre em seus discursos palavras relacionadas a “soluções” e “caminhos” revelados nas oficinas pelas narrativas e palavras. Soluções para tratamentos, estratégias para formas de cuidado, caminhos e alternativas para preencher o trabalho e não deixar de acolher nenhum paciente.

Os resultados demonstraram que a Bioética narrativa e a Literatura possuem grande potencial de colaborar no processo de humanização, orientado por políticas nacionais²², essencial na gestão do cuidado no SUS e cuja potência para o fortalecimento dos profissionais tornou-se mais evidente diante das adversidades trazidas pela pandemia. Por meio de contos, poemas e crônicas lidos, as participantes discorreram sobre suas próprias vivências, histórias, condições e relações de trabalho e fizeram reflexões que, de certa forma, materializaram as dificuldades de cada uma, tanto no âmbito pessoal/familiar quanto no âmbito profissional, principalmente em relação ao sofrimento, à morte e ao luto.

A leitura de “Congresso Internacional do Medo”, de Drummond, permitiu às participantes falarem sobre suas aflições e preocupações, desvelando medos enraizados e ocultos, soterrados, impedidos de vir à tona. O poema de Drummond, espécie de “convocação” coletiva a sentir medo, revelou que as participantes percebiam que os companheiros de trabalho também sentiam esses medos. Os relatos obtidos na oficina trouxeram uma ideia de que esse medo é uma constante entre os profissionais de saúde.

Prosseguindo nas reuniões, muito se falou também sobre a importância das narrativas. Histórias, relatos, conversas, músicas, tudo aquilo que proporciona a aparição dos sentimentos de quem as conta. Uma participante sempre ressaltava ao fim das reuniões que ter acesso a outras visões (das outras participantes) era um privilégio, pois era uma forma de se mobilizar a também sentir o que o outro sente. Percebe-se aqui a escuta qualificada, atenta, sensível, “o ser o outro, um com o outro”, na frase síntese de Ricci²³, sobre a filosofia do diálogo de Martin Buber.

O conto ilustrado “O beijo da palavrinha”, de Mia Couto, por exemplo, demonstrou para as participantes a importância de se prestar atenção aos relatos, ao cuidado com o próximo, à sutileza. Isso é fundamental na área da saúde: cada paciente terá seu relato único, sua forma de enxergar e vivenciar o mundo e confiará aos profissionais de saúde seus processos e histórias. Ter respeito a isso, como foi dito por uma participante, desenvolver a leveza para acolher as confidências sem que

²² Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Política Nacional de Humanização. Brasília/DF, 2013.

²³ Ricardo T. Ricci, A medicina em busca de sentido, uma introdução, *Diversitates*, 13, 3 (2021): A10.

se tornem um peso é uma habilidade necessária para o bom cuidado e para a saúde mental dos cuidadores.

Semelhante à “atenção”, a palavra “cuidado” foi uma constante durante as oficinas. Essa palavra polissêmica, que pode significar cautela, fazer algo de maneira bem-feita ou tratamento, foi usada sempre como algo que, por vezes, falta aos profissionais de saúde. “Enterro de pobre”, de Eliane Brum, despertou tristeza em duas participantes, ao perceberem que, muitas vezes, as crianças vulneráveis com quem trabalham vêm a falecer e não têm o mínimo cuidado quer seja em vida, quer após a sua morte.

Já em “O afogado mais bonito do mundo”, de Gabriel Garcia Márquez, outras participantes destacaram que o cuidado que o afogado no conto recebeu, mesmo sendo uma pessoa estrangeira naquela pequena vila, é um ato de construção, uma maneira de tratar melhor quem está à nossa volta. Tais afirmações podem ser interpretadas como um reflexo de uma sociedade individualista que acaba repercutindo na atuação dos profissionais da saúde. Centrado na realidade (BRUM, 2006) ou no fantástico (MÁRQUEZ, 1968), o (des)cuidado foi um tema central no debate das profissionais da saúde. Além disso, o cuidado remeteu ao feminino – todas nossas participantes eram mulheres. Em “O afogado mais bonito do mundo”, foram as mulheres que revelaram a beleza do desconhecido, cuidadosamente limpando o limo. Duas participantes contaram como em seus serviços não foi possível revelar essa beleza, sendo a morte de um jovem tratada como evento desprovido de humanidade e as emoções afloradas de perda e indignação não acolhidas.

Em “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa, a mulher é a fortaleza que cuida, mas também sabe o momento de romper para seguir a vida e nessa fortaleza as participantes se enxergaram também. Apesar da feminização da medicina, a saúde espelha as construções de gênero da sociedade: os médicos homens, especialistas em técnicas de habilidades manuais, como os cirurgiões, são prestigiados, e à mulher vinculam-se “outras” profissões de saúde (enfermeira, psicóloga, terapeuta ocupacional) ou especialidades de menor prestígio social (pediatra, clínica médica, medicina de família e comunidade, por exemplo)²⁴.

Os estereótipos da neutralidade e objetividade, no homem, e sensibilidade e fragilidade, na mulher, deixam pouco espaço para a empatia e para a incorporação do subjetivo e social no cuidado. Essas construções são transportadas para a gestão do serviço, que se constitui de protocolos rígidos,

²⁴ Mário César Scheffer e Alex Jones Flores Cassenote, “A feminização da medicina no Brasil”, *Rev. Bioét.*, 21 (2) (2013): 268-77.

hierarquia e papéis definidos, sem abertura para os sentimentos e sofrimentos que permeiam a atividade profissional na saúde. Orientações voltadas à gestão humanizada, apoiada em políticas, à equidade de gênero, à clínica ampliada, que considere a pessoa e seu contexto de vida, ainda parecem ser construções teóricas que não se implementaram nos serviços em que nossas participantes atuam.

Outro impacto que a Literatura fornece é a construção de metáforas e como cada subjetividade pode entendê-las de formas diferentes. Com uma linguagem polissêmica, a metáfora produz múltiplos sentidos a partir da articulação da palavra com experiências, afetos e memórias singulares, sociais, históricas do leitor. Conforme afirma Petit²⁵, “uma história, uma metáfora, oferece às vezes, sob uma forma distinta, um eco do que viveram e não puderam pensar por conta própria, suscitando um movimento psíquico”. Uma participante inicialmente, durante a oficina de “O beijo da palavrinha”, de Mia Couto, tinha uma visão do mar/água como algo que lhe causava medo, contrastando com o enredo do texto, em que o mar era tido como cura, e necessária última viagem antes do desprendimento do mundo, uma acolhida. Prosseguindo com os encontros, depois de muitos debates, expressões de sentimentos e trocas, a mesma participante começou a enxergar na água uma sensação de fluidez, de limpeza, de renovação, durante a oficina em que se abordou “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa. Isso mostra como cada arranjo de palavras possui um sentido único para quem lê e como pode se transformar, promovendo um sentido pessoal relacionado com a sua realidade, como afirma Antonio Candido²⁶.

A Bioética possibilitou analisar as várias dimensões e os referenciais envolvidos, através de reflexões e diálogos nos quais todos possuem vozes ativas²⁷. A Bioética narrativa trouxe a ressignificação de conceitos de morte, luto e vida para as participantes da pesquisa, além de promover a elaboração de sentimentos, podendo repercutir na atividade profissional e na qualidade de vida de todos os envolvidos (profissionais e comunidade atendida).

Acreditamos que a narrativa literária, através de dinâmicas de leitura em grupo, pode criar novas estratégias de cuidado na Atenção à Saúde, na medida em que contribui para diferentes formas de apropriação e ressignificação de um conteúdo e uma forma, aproximações e conexões a partir da fala e da escuta do outro, reflexões sobre as diversas percepções, possibilidades de ações e exigências a partir da beleza presente na organização da palavra estética. Ou seja, abre-se um caminho para uma mudança de olhares, de atenção, de cuidado; quem sabe uma ponte entre o eu e o outro, a resistência e a exigência, certamente entre a medicina e as humanidades, a gestão e os trabalhadores da saúde.

²⁵ Michèle Petit, *A arte de ler ou como resistir à adversidade*, (São Paulo: 34, 2010), 70.

²⁶ Antonio Candido, *O direito à literatura*, em: Antonio Candido, *Vários Escritos*, (São Paulo: Duas cidades, 1988).

²⁷ Miguel Kottow, “Bioética narrativa ou narrativa bioética?”, *Revista Latinoamericana de Bioética*, 16(2) (2016): 58-69.

Referências

- Andrade, Carlos Drummond. *Sentimento do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Obra original de 1940.
- Apaydin, E. A. et al. “Burnout Among Primary Care Healthcare Workers During the COVID-19 Pandemic”. *J Occup Environ Med.*, 63(8): 642-645, 2021.
- Arantes, Ana Cláudia Quintana. P.H., A. e a conexão perene do amor, em: _____. *Histórias lindas de morrer*. Rio de Janeiro: Sextante, 2020.
- Brum, Eliane. Enterro de pobre, em: _____. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago, 2006. p. 34-39.
- Candido, Antonio. O direito à literatura, em: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1988. p. 169-191.
- Couto, Mia. *O beijo da palavrinha*. Ilustrações Malangatana. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006.
- Engel, G. I. “Pesquisa-ação”. *Educar*, (16): 181-191, 2000. http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_16/irineu_engel.pdf.
- Kottow, Miguel. “Bioética narrativa ou narrativa bioética?”. *Revista Latinoamericana de Bioética*, 16(2), 58-69, 2016. <https://revistas.unimilitar.edu.co/index.php/rabi/article/view/1763>.
- Luz, D. C. R. P. et al. “Burnout e saúde mental em tempos de pandemia de COVID-19: revisão sistemática com metanálise”. *Nursing*, 24(276): 5714-5725, maio 2021. <http://revistas.mpmcomunicacao.com.br/index.php/revistanursing/article/view/1540/1760>.
- Márquez, Gabriel Garcia. O afogado mais bonito do mundo, em: _____. *A incrível e triste história da Cândida Erêndira e sua avó desalmada*. São Paulo: Record, 2014.
- Magalhães, Susana. P. L. V. T. Construir a ponte entre a Bioética e a Literatura, em: _____. *Bioética e literatura: entre a imaginação e a responsabilidade*. Roma/Itália: IF Press, 2016.
- Mello Neto, João Cabral. Morte e vida Severina, em: _____. *Melhores poemas*. Seleção de Antonio Carlos Secchin. São Paulo: Global, 2013.
- Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização. Brasília/DF, 2013. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_humanizacao_pnh_folheto.pdf.
- Mukasonga, Scholastique. *A mulher de pés descalços*. São Paulo: Noz, 2017.
- Oliveira, Taynara Carvalho et al. “Possíveis estratégias de enfrentamento do Burnout entre profissionais de saúde durante a pandemia do coronavírus”. *Rev Med (São Paulo)*, 100(6): 586-92, 2021 nov.-dez. <https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/188747/179502>.

- Paula, Consuelo e Nogueira, Rubens. Curativo. In: Consuelo de Paula. *Dança das rosas*, 2006.
- Pessini, Léo. Distanásia, ortotanásia e mistanásia, em: _____. *Como lidar com o paciente em fase terminal*. 6. ed. Aparecida: Editora Santuário, 2008. p. 47-54.
- Petit, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: 34, 2010.
- Ricci, R. T. “A medicina em busca de sentido, uma introdução”. *Diversitates*, v. 13, n. 3, 2021. <http://www.diversitates.uff.br/index.php/1diversitates-uff1/article/view/396/A%20Medicina%20em%20busca%20de%20sentido>.
- Rosa, Guimarães. A terceira margem do rio, em: _____. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. Obra original de 1962.
- Scheffer, Mário César; Cassenote, Alex Jones Flores. “A feminização da medicina no Brasil”. *Rev. Bioét.*, 21 (2): 268-77, 2013. <https://www.scielo.br/j/bioet/a/XtCnKjggnr6gFR3bTRckCxs/?format=pdf&lang=pt>.
- Silva, J. A. M. et al. "Prevalência de Burnout em profissionais de saúde no enfrentamento da Covid-19: uma revisão sistemática”. *Research, Society and Development*, 10 (16), 2021. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/23591/20835>.
- Silva, M. E. W. B. et al. “Impactos na saúde mental dos profissionais de saúde atuantes na linha de frente a pandemia do COVID-19”. *Research, Society and Development*, 11 (3), 2022. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/26491/23130>.
- Toledo, R. F. e Jacobi, P. R. “Pesquisa-ação e educação: compartilhando princípios na construção de conhecimentos e no fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas”. *Educ. Soc.*, 34 (122), 155-173, 2013. <https://www.scielo.br/j/es/a/GQXTGfPMhWpFktxq8dLW6ny/?format=pdf&lang=pt>.
- Vigotski, Lev. S. Pensamento e palavra, em: _____. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Obra original de 1934.
- Vigotski, Lev S. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Obra original de 1925.

